

Wilson Alves Ribeiro Jr.
• warj.med.br/publicacoes.htm



Sobrevivências das antigas comunidades de caçadores no *Hino a Hélio*

W.A. Ribeiro Jr.

RIBEIRO JR., W.A. Sobrevivências das antigas comunidades de caçadores no *Hino a Hélio*. In: IV CONGRESSO NACIONAL DE ESTUDOS CLÁSSICOS. *Antigüidades*. Ouro Preto/MG: Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos, p. 37, 2001. [resumo]

RIBEIRO JR., W.A. *Sobrevivências das antigas comunidades de caçadores no 'Hino a Hélio'*. Disponível em <http://warj.med.br/pub/pdf/helios.pdf>.

Comunicação apresentada durante o IV Congresso Nacional de Estudos Clássicos em Ouro Preto, MG, em agosto de 2001, em Sessão de Comunicações Coordenadas. Texto original com mínimas modificações; imagens novas.

- Sumário:**
1. Resumo
 2. Introdução
 3. O curso do sol no Hino "a Hélio"
 4. Hélio, o caçador
 5. Notas e bibliografia

laudás: 8 **ilustrações:** 2 **quadros:** 0 **formato:** A4 2831 **palavras**

abreviaturas: consultar o *link* <http://greciantiga.org/exp/abrev.asp>

© 2001 Wilson Alves Ribeiro Jr.

Os textos e as imagens originais desta publicação estão protegidos pelas leis internacionais que regem o uso da propriedade intelectual. Para mais informações sobre direitos autorais e termos de uso desta obra, consulte <http://greciantiga.org/exp/exped02.asp>

Os proprietários dos direitos autorais de imagens e textos não originais estão identificados nas legendas e nas referências, conforme o caso, e devem ser consultados antes da reutilização do material.

On line desde 06.08.2001

RESUMO:

O "Hino a Hélio" chegou até nós como um dos *Hinos Homéricos*, heterogênea coletânea de poemas vinculados à tradição épica. O poema, datado provavelmente do século –II, assim como outras obras do Período Helenístico procura resgatar o esplendor cultural dos séculos anteriores. Descontados alguns arcaísmos há, no entanto, aspectos da tradição mítica delineados pelo anônimo autor que parecem refletir a grande antiguidade dessa figura mítica e suas conexões com as comunidades Paleolíticas.

Introdução

O hino homérico dedicado a Hélio tem apenas 19 versos e foi composto em algum momento do Período Helenístico (Allen e Sikes, 1904; Humbert, 1936). Essa especulação se a-póia, infelizmente, apenas nas características de estilo do anônimo autor e na forma de tratamento do mito.

Para os gregos, Hélio era o sol personificado. Divindade "menor", afastada do tradicional panteão olímpico de doze deuses, era, no entanto, cultuado desde longa data em Corinto, Sicíon, Olímpia e diversas outras pólis do Peloponeso, segundo Pausânias. Seu santuário mais famoso e mais importante, sem dúvida, foi o da ilha de Rodas, onde existiu, entre -280 e -220, o "Colosso de Rodas", gigantesca estátua de Hélio (1) que se tornou uma das maravilhas do mundo antigo (Burkert, 1993). A menção de Píndaro ao deus e ao papel de seus descendentes no povoamento da ilha (*Pi.O.* 7.58-72) recua a data do culto, pelo menos, à primeira metade do século -V.

O curso do sol no Hino "a Hélio"

No verso 2, tendo nomeado Hélio, o autor apresenta a genealogia do deus (vv. 2-6). Em todas as fontes conhecidas, o pai de Hélio é o titã Hipérion, "o que está em cima"; a mãe é a titânide Téia, "a divina"; seus irmãos são Eos, a aurora, e Selene, a lua (*Hes.Th.* 371-374 e *Apollo-d.* 1.2.2). O hino é o único texto que dá o nome de Eurifáessa, "a que brilha de longe", à mãe do deus. É possível que esse nome seja apenas uma hipóstase da lua (Humbert, 1936); Píndaro, porém, pelo menos dois séculos antes do hino, deu à titânide Téia o epíteto πολυώνυμος, "a de muitos nomes", e pontuou que, graças a ela, os homens dão grande valor ao ouro (*Pi.I.* 5.1). É bem mais provável, portanto, que Píndaro e o poeta do hino conheçam um mito alternativo que se perdeu.

Uma particularidade estranha do hino é a acentuada inferioridade do *status* divino de Hélio que o epíteto ἐπιείκελον ἀθανάτοισιν, "semelhante aos imortais" dá a entender (v. 7); nos poemas homéricos, esse epíteto acompanha habitualmente os heróis ou semideuses. É bem verdade que Hélio, certa vez, teve medo das flechas de Hércules (*Apollo-d.* 2.5.10) mas, daí a considerá-lo menos que imortal é um tanto exagerado. O próprio autor assinala que o pai de Hélio, Hipérion, era filho de duas divindades primordiais, Urano e Gaia (vv. 2-3); assim, é mais razoável imaginar que a fórmula homérica foi utilizada mecanicamente, sem outras considerações (cf. Allen e Sikes, 1904).

Outra explicação poderia ser um certo exagero poético da posição nitidamente subalter-

na de Hélio no panteão grego. Para se vingar dos companheiros de Odisseu, por exemplo, (*Od.* 12.353-365), ele teve de pedir a intervenção de Zeus. E a ajuda recebida não foi, certamente, decorrência da ameaça de Hélio se mudar para o Hades (*Od.* 12.371-383). O próprio Zeus ordenou-lhe, em outra oportunidade, que ele parasse de brilhar, e foi atendido (*Apollod.* 1.6.1).

1



A carruagem de Hélio. Detalhe da métopa do templo de Atena em Ílion, Ásia Menor. Data: -300/-275. Berlim, Staatliche Museen, Antikenmuseen.

Quanto ao aspecto antropomórfico, o deus é mostrado como um homem jovem (sem barba) que brilha; de sua cabeça saem raios luminosos (ἀκτῖνες), e ele conduz uma carruagem puxada por cavalos ao longo da abóbada celeste; as vestes esvoaçantes indicam grande velocidade (8-16). É notável a semelhança entre a descrição e as mais conhecidas representações artísticas de Hélio (2), cf. fig. 1. Embora o hino não dê detalhes da atrelagem, as imagens mostram que a carruagem de Hélio é uma quadriga puxada por cavalos alados; Píndaro relata que os cavalos respiravam fogo (*Pi.O.* 7.71). Kerényi (1993) acredita que, primitivamente, Hélio era conduzido por bois; a leitura atenta do verso da *Ilíada* mencionado, porém, não apóia de modo irrefutável essa hipótese. Em ἦμος δ' Ἡέλιος μετενίσσεται βουλυτόνδε (*Il.* 16.779), Ἡέλιος está no nominativo e βουλυτόνδε (3), no acusativo; os dois vocábulos não podem, conseqüentemente, ser traduzidos de forma predicativa. A tradução mais adequada do verso seria mais ou menos esta: "mas, quando Hélio se aproximava da hora em que se solta os bois" (βουλυτόν = βοῦς, "boi" + λυτός, adjetivo verbal de λύω, = "que pode ser solto").

A descrição do trajeto da carruagem de Hélio durante o dia, nos versos 14-15 do hino, está um pouco prejudicada por uma lacuna no texto mas, em linhas gerais, confere com outras fontes. O deus-sol inicia seu curso no oriente, ao amanhecer; surge no horizonte logo depois de Eos, a aurora; atravessa o céu em sua carruagem, ao longo do dia, rumo ao ocidente e, ao cair da noite, desaparece na terra das Hespérides, além do rio Oceanos. Mas o hino não conta que, à noite, o deus repousa em um leito alado que o leva confortavelmente acima das águas de Oceanos, de volta ao oriente (*Mimn.fr.* 10). Em outras versões, ao invés de leito, ele é transportado em uma taça de ouro que flutua (*Ath.* 11.38-39; *Apollod.* 2.5.10). Esse pequeno descanso, é claro, não combina com o epíteto homérico ἀκάμας, "incansável" (*Il.* 18.239), mencionado no verso 7 do hino...

Esse epíteto e outros atributos do deus (vv. 2, 7-8 e 10) remontam pelo menos à época dos poemas homéricos. Na *Ilíada*, a visão de Hélio é aguçada (*Il.* 8.480 e 14.340); na *Odisséia*, é ele "o que dá luz aos mortais" (*Od.* 10.138) e "aquele que tudo observa e tudo fica sabendo"

(*Od.* 11.109); além disso, é um rico proprietário de gado bovino (*Od.* 12.260-264 e 19.265).

O hino não menciona, porém, dois outros atributos importantes. Hélio é o "olho que tudo vê" (*A.Ch.* 920; *A.Pr.* 94), aquele que revela o que acontece às escondidas. Graças à sua interferência, o deus Hefesto tomou ciência da infidelidade de Afrodite (*Od.* 8.271) e a deusa Deméter descobriu o paradeiro da filha Perséfone, raptada por Hades (*h.Cer.* 22-27). A luz de Hélio é também capaz de excitar a imaginação (*Ar.Th.* 65).

Outra interessante propriedade, não mencionada, é a capacidade de cura de Hélio: Órion, cego, recuperou a visão em decorrência da simples exposição aos raios solares (*Apollod.* 1.1.33). Essa relação entre o sol e as doenças, à primeira vista totalmente mítica, não era estranha aos médicos gregos. Um tratado hipocrático do final do século -V, por exemplo, credita ao clima — em grande parte determinado pelo calor do sol — as características físicas e psíquicas das pessoas, e também predisposição a certas doenças. Aconselha, inclusive, o estudo das evoluções do sol (ἡλίου τροπαί) antes da escolha de certos tratamentos (4) (*Hpc.Aër.* 11). O leigo Pausânias confirma: é o curso do sol (τὸν ἡλιακὸν δρόμον) que traz saúde à humanidade (*Paus.* 7.23.8).

Hélio, o caçador

A procedência de alguns mitos gregos pode ser identificada com certo grau de confiabilidade. Afrodite, Deméter e Ártemis, por exemplo, eram originalmente deusas-mães paleolíticas (Marquetti, 2000); os mitos de Pélops e de Cadmo refletem antigos movimentos populacionais oriundos da Ásia Ocidental; o episódio de Teseu e do Minotauro evoca, obviamente, a cultura minóica da Idade do Bronze; Adônis era reconhecidamente de origem semita (*Apollod.* 3.14.4); e Zeus foi trazido à Grécia pelos imigrantes indo-europeus (Sergent, 1994). No caso de Hélio, há duas importantes características do mito que se prestam à nossa investigação: o "carro do sol" e os raios do deus-sol.

As mais antigas menções ao carro solar, na Grécia, são: um fragmento de Mimnermo (*Mimn.fr.* 10), provavelmente da segunda metade do século -VII; o Hino "a Deméter" I (*h.Cer.* 63), composto, possivelmente, pouco antes de -610, e o Hino "a Hermes" I (*h.Merc.* 69), composto no fim do século -VI (Humbert, 1936). Imagens antigas de Hélio em vasos (5) mostram, também, o deus dirigindo uma biga puxada por dois cavalos alados. A ausência da carruagem de Hélio nos poemas homéricos e na *Teogonia* hesiódica parecem situar a incorporação da carruagem à mitografia do deus, com boa probabilidade, na primeira metade século -VII.

Essa época foi notável, entre outras coisas, pelo intenso intercâmbio comercial e cultural entre as comunidades gregas e semitas da Sírio-Palestina. As três pólis da ilha de Rodes, o mais importante centro de culto ao sol em território grego, estavam envolvidas nesse intercâmbio. Do lado semita, os pequenos reinos arameus da Síria, subordinados politicamente aos assírios e culturalmente à Mesopotâmia, eram os mais importantes. A Mesopotâmia é uma região de longa tradição mítica, e é razoável especular que o conceito da carruagem solar dos gregos tenha vindo dessa região. O mais antigo estrato cultural mesopotâmico, o sumeriano, assinala desde -2500 a presença de Utu, deus-sol que se deslocava em sua carruagem. Shamash, seu correspondente semita na época dos assírios (séculos -X a -VII), que como Hélio tudo via lá do alto [fig. 2], era também o símbolo supremo da justiça e o patrono da adivinhação. Durante a noite, diferentemente de seu colega grego, ele não repousava: viajava por baixo da terra até retornar ao oriente (Lamas, 1972).

2



Estela de pedra comemorativa da vitória de Naram-Sin, rei de Akkad. Mais abaixo está seu protegido, o rei, que domina os inimigos com arco e flechas. Susa, c. -2254/-2218. Paris, Musée du Louvre.

O sol, responsável direto pela vida na Terra (*Mimn.fr.* 10; *A.Ag.* 630 e *A.Eu.* 920), foi desde sempre bem visível no alto do céu; deve ter sido, por isso, uma das primeiras forças naturais divinizadas. Os bárbaros germânicos, por exemplo, em pleno século -I ainda se ocupavam, apenas, da caça e da guerra; cultuavam, tão-somente, divindades "que podiam ver", como o Sol, Vulcano e a Lua (cf. César, *B.Gal.* VI 21.2-3). Os germanos, como os gregos, eram de origem indo-européia, e mitos solares semelhantes ao de Hélios, em diferentes graus, eram parte do patrimônio cultural comum a quase todos os povos indo-europeus (Sergent, 1990; Burkert, 1993).

Alguns arqueólogos recuam a diferenciação da cultura indo-européia até uma data remota, -6000; outros, mais conservadores ou mais prudentes, estimam uma data posterior, por volta de -3000 (Cardoso, 1994). De qualquer modo, os indo-europeus primitivos eram, certamente, parte de um fundo cultural comum que remonta ao fim do Paleolítico e ao Mesolítico; nessas épocas remotas da vida do homem é que devemos procurar a origem de algumas das propriedades míticas dos raios de sol.

A imagem dos raios de sol emergindo dos lados da cabeça de Hélios (versos 10-11) evoca nitidamente o lançamento de flechas. Dardos, flechas, pedras e outras armas não eram as únicas coisas capazes de ferir e matar de longe; os raios de sol também podiam (*A.Pr.* 22-23; *Hdt.* 3.124-125). Uma boa evidência da comparabilidade dos raios solares com flechas é a progressiva assimilação de Hélios, a partir do século -V, ao deus Apolo (*Paus.* 7.23.8; Burkert, 1993). Apolo se relacionava indubitavelmente com a luminosidade e a claridade (Tringali, 1987) e, assim como um caçador, seu "arco de prata" lançava flechas e "feria de longe" (*Il.* 1.43-52 e 1.455-457). Não é improvável que a semelhança entre os raios de Hélios e as flechas de Apolo

remonte a uma época tão antiga quanto as primeiras comunidades caçadoras da Europa Oriental e da Ásia Ocidental, entre as quais estavam, certamente, algumas comunidades indo-européias primitivas. Na impossibilidade de se ter certeza quanto a qualquer aspecto da cultura não-material de comunidades da Idade da Pedra, temos de recorrer a um dado indireto, que empresta ao menos uma probabilidade significativa à hipótese.

O explorador alemão L.V. Frobenius, em 1905, teve um esclarecedor contato com um dos mais antigos povos caçadores da África equatorial, na época conhecidos por "pigmeus". Dois deles, que acompanhavam a expedição, empreenderam uma caçada somente depois de realizar um ritual secreto, certamente herdado de seus antepassados e transmitido de geração a geração. Em uma clareira, desenharam um antílope e, ao amanhecer, ao mesmo tempo que uma mulher fazia uma prece e os primeiros raios de sol atingiam o desenho, um dos caçadores cravou uma flecha no pescoço do animal desenhado. Mais tarde, os dois caçadores voltaram com um antílope abatido com uma flechada no pescoço. Campbell (1992), depois de analisar o relato de Frobenius, comenta:

O ponto crucial da cerimônia dos pigmeus era que o rito tinha de ser realizado ao amanhecer, devendo a flecha atingir o antílope precisamente quando ele era atingido por um raio de sol. Porque o sol é, em todas as mitologias da caça, um grande caçador. (...) por analogia: o sol é o caçador, o raio de sol é a flecha.

Levando-se em conta o antigo ritual dos "pigmeus" e também as mais antigas tradições acumuladas sobre o deus-sol, concluímos que o mito grego de Hélios pode ter se desenvolvido a partir de crenças difundidas pelas comunidades de caçadores-coletores da Ásia Ocidental e da Europa Oriental durante o Paleolítico.

Notas

1. A estátua, em bronze, é tradicionalmente atribuída ao escultor Cares de Lindos, que viveu por volta do início do século -III.
2. Um vaso ático de figuras vermelhas, atualmente no British Museum de Londres, datado de -435; uma métopa do templo de Atena em Tróia, atualmente no Staatliche Museen - Antikenmuseen de Berlim, datada do início do século -III [v. fig. 1].
3. Ou βουλυτόν δε, conforme a edição da Ilíada consultada.
4. Modernamente, sabe-se que a incidência de deficiência de vitamina "D" e síndromes depressivas é maior nos países do hemisfério norte em que os meses nublados e sem sol são mais numerosos.
5. Um lécito ático de figuras negras e fundo branco, atribuído ao "Pintor de Gela" (Boston, Museum of Fine Arts, -520/-500); e um vaso ático de figuras vermelhas, atribuído ao "Pintor de Leningrado" (Detroit Institute of Arts, -470/-465).

Bibliografia

1. Ilustrações

- [1] ΣΕΡΒΗ, Κ. *Ελληνική Μυθολογία*. Αθήνα, Εκδοτική Αθηνών, 1998.
- [2] WELLS, H.G. *A Short History of the World*. New York: Macmillan, 1922.

2. Fontes primárias

- ARISTÓFANES: *As Nuvens* (-423), *A Paz* (-421), *As mulheres celebram as Tesmofórias* (-411).
- ATENEU: século II/III.
- ÉΣQUILO: *Prometeu Acorrentado* (-462/-459); *Agamêmnon*, *As Coéforas* e *Eumênides* (-458).
- HERÓDOTO: (-484/-425 ?).
- HESÍODO: *Teogonia* (c. -700).
- HINOS HOMÉRICOS: fim do século -VII em diante.
- [HIPÓCRATES]: *Das Águas, Ares e lugares* (c. -400).
- [HOMERO]: *Ilíada* e *Odisséia* (-750/-725).
- JÚLIO CÉSAR: *Comentários sobre a Guerra das Gálias* (-52/-51).
- MIMNERMO: segunda metade do século -VII.
- PAUSÂNIAS: século II.
- PÍNDARO: *Olímpicas* e *Ístmicas* (-488/-446).
- PSEUDO-APOLODORO: *Biblioteca*, século II.

3. Texto grego e fontes secundárias

- ALLEN, T.W. & SIKES, E.E. *The Homeric Hymns*. London: Macmillan, 1904.
- BURKERT, W. *Religião Grega na Época Clássica e Arcaica*. Trad. M.J. Simões Loureiro. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1993.
- CAMPBELL, J. *As Máscaras de Deus: Mitologia primitiva*. Trad. C. Fischer. São Paulo: Palas Athena, 1992.
- CARDOSO, C.F. *Sete Olhares sobre a Antiguidade*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, p. 98, 1994.
- GARELLI, P. & NIKIPROWETZKY, V. *O oriente próximo asiático: Impérios Mesopotâmicos e Israel*. Trad. E.O. Araújo. São Paulo: Pioneira / EdUSP, 1982.

GRANT, M. *The Rise of the Greeks*. London: Phoenix, 1997.

HUMBERT, J. *Homère: Hymnes*. Paris: Belles Lettres, 1936.

KRAMER, S.N. *Os Sumérios*. Trad. S.T. Menezes. Amadora: Bertrand, 1977.

LAMAS, M. *Mitologia Geral / O mundo dos deuses e dos heróis*, v. 3. Lisboa: Estampa, 2ª ed., 1972.

MARQUETTI, F.R. *Da sedução e outros perigos: o mito da Deusa Mãe*. Araraquara, 2001. Tese de Doutorado em Letras, UNESP.

SERGENT, B. Os indo-europeus e os semitas. In: P. Lévêque (dir.), *As primeiras civilizações*, v. 3. Trad. A.J. Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1990.

TRINGALI, D. *O apolíneo e o dionisíaco*. Centro de Estudos Clássicos, Araraquara, v. 1, n. 1, p. 1-32, 1987.